

Batuques e curas: Pai Caetano em ação (Vila Rica – 1791)

André Nogueira*

Resumo: A presente comunicação objetiva discutir como nas Minas do “século do ouro” muitos africanos e seus descendentes realizavam práticas de cura como meio de angariar pecúlio e visibilidade social. Para tanto usaremos o caso do negro angola Caetano da Costa, enredado numa devassa civil e preso na cadeia de Vila Rica por conta de suas curas e calundus, vistos pelas autoridades civis como feitiçaria.

Palavras-chave: curas – calundus – devassa civil.

Abstract: This paper discusses how in the Minas Gerais of the “Gold Century” many Africans and their descendents made cures to had gains and social visibility. To this we use the tale of Caetano da Costa, prisoner in the Vila Rica’s jail because of his cures and calundus, saw by the civil authorities as witchcraft.

Keywords: calundus – cures – inquires.

...usava de feitiçarias mágicas e indústrias enganosas contra a nossa santa religião e que por isso o mandara prender e lhes achara várias relíquias misturadas com outras coisas indecentes. Dessa maneira que, inicialmente, tomamos conhecimento das ações do negro angola Caetano da Costa, ou Pai Caetano, conforme aparecia respeitosamente na fala de algumas pessoas que testemunharam contra seus feitos. Corria o ano de 1791, quando o capitão e juiz ordinário Manuel Francisco Andrades resolveu mandar confinar o negro Caetano na cadeia de Vila Rica e confiscar seus objetos rituais, abrindo contra ele uma devassa civil. (Arquivo Histórico do Pilar – AHP. Emenda por feitiçaria: Caetano da Costa. Auto 9470; código 449).

O caso de Pai Caetano é bastante fértil para pensarmos como o domínio da arte de curar e a manipulação do sobrenatural proporcionavam nas Minas do século XVIII um importante meio de obter recursos materiais, afirmação e respeito social para muitos africanos e seus descendentes. Ainda que esses agentes fossem constantemente alvos de perseguição – tanto de autoridades religiosas como laicas – e angariassem para si igualmente o medo e a repulsa de muitos moradores de suas comunidades. Interessa-nos também repisar algumas das práticas de nosso personagem, principalmente os calundus por ele presididos, cerimônias bastante freqüentadas por uma clientela que buscava fortuna e a cura para os males do corpo.

Na fala das testemunhas não deixa de chamar atenção, inicialmente, a quantidade de predicados imputados ao negro Caetano, sendo qualificado de *curador, pai, amo, matador*

* Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; Tutor de História da Educação I e II do Consórcio CEDERJ – Pedagogia (Unirio).

*com feitiços, calundzeiro, feiticheiro mágico e enganador*¹, *perverso e mau*. Essa variedade de adjetivos e impressões nos dá preciosas pistas da multiplicidade de suas ações e da forma com que diferentemente era visto pelas pessoas que habitavam seu meio social. Cumpre dizer que esse misto de reconhecimento e repulsa não era exclusividade de nosso negro angola. Nas devassas eclesiásticas, norteadas principalmente pelo bispado de Mariana, encontramos diversos casos em que sentimentos tão variados como respeito, aquiescência, reprovação e medo emergem das expressões usadas pelos acusadores e padres responsáveis (NOGUEIRA, 2005:55-57).

A despeito disso, a forma com que Caetano da Costa era reconhecido, ou mesmo admirado, por várias pessoas certamente serviu como elemento multiplicador de sua fama com intensidade poucas vezes vista em casos dessa natureza. Dois acontecimentos no mínimo inusitados corroboram essa realidade. O crioulo José da Silva, morador da rua do Padre Faria, resolveu simplesmente abandonar sua ocupação de faisqueiro e *se ajuntou com esse dito preto Caetano para o servir no que ele lhe mandasse e que o dito Caetano era seu amo*, conforme aparece na fala surpresa do sapateiro Manuel Ferreira. Outra testemunha ao alertar várias pessoas acerca dos erros que incorriam ao buscarem os préstimos de Pai Caetano, recebera em troca além de ameaças de morte por parte do “feiticheiro” a hostilidade e a reprovação das pessoas avisadas, que por acreditarem em seu poder *querem mal a ele testemunha*. (AHP. Emenda por feitiçaria...fls.8 e 11).

Merece igualmente ser sublinhado o tempo e a incrível mobilidade espacial que se apresentam nas páginas da devassa. A notoriedade de Caetano da Costa como “feiticheiro e curador” fora garantida graças a anos de ação. O negociante de escravos Manoel de Magalhães afirma que sabia de seus feitos há nove anos, já o capitão Luiz Pinto da Fonseca arredonda para uma década *o tempo que tem conhecimento do preto Caetano*. (AHP. Emenda por feitiçaria...fls. 4v e 6). Quanto à desenvoltura com que transitava para realizar seu diálogo com o sobrenatural, Pai Caetano também não deixa de chamar atenção. Ao longo de sua devassa são citadas várias casas por ele alugadas, além da menção de sua atuação na freguesia de S. Bartolomeu, termo de Vila Rica e que dista cerca de quinze quilômetros do centro da cidade; Cachoeira do Campo, a dezoito quilômetros e na freguesia de Catas Altas, a longos trinta e sete quilômetros de Vila Rica (FERREIRA, 1885:54). Com isso, podemos imaginar a capacidade em nada desprezível de circulação de nosso personagem, o que sugere a possível existência de alianças com moradores dessas áreas e de suas cercanias e/ou indícios de que os

¹ A insistência com que essa expressão aparece – com especial destaque na abertura da devassa – nos alerta sobre os “filtros culturais” que de forma tão freqüente impregnam esse tipo de documento. (GINZBURG, 1989: 18-25).

“negócios” caminhavam bem até a sua prisão, gerando renda para sustentar esse trânsito. Tais suspeitas são confirmadas pelos depoimentos das testemunhas. O crioulo Manuel Ferreira comenta que Pai Caetano *não tinha outro ofício além do de ser feiticeiro*, já Jerônimo Dias, homem branco, menciona o fato de por suas práticas costuma receber *dádivas de ouro lavrado* de seus clientes.

Mas, afinal, que tipo de contato com o sobrenatural Caetano da Costa exercia? Quais seriam as práticas por ele realizadas que lhe garantia tanta fama, reconhecimento, temor, a produzir uma quantidade tão diversificada de impressões? Por que diversas pessoas lhe davam *dádivas* e *ouro lavrado*? Para tentar descortinar suas ações podemos começar sublinhando o arsenal mágico absolutamente fantástico que nosso negro angola manipulava e que aparece minuciosamente arrolado no *auto de exame* que abre seu julgamento, sendo aqui parcialmente reproduzido:

...= dois patuás ou bolsas de uma pele de bicho que parece ser de lagarto cozidos e descozido-a [sic] se lhe achou dentro delas um relicário encostado [sic.] em latão com um vidro de uma banda com várias relíquias que disse o preto Caetano por Agnos Dei [sic.] (...) = duas laminazinhas [sic.] de estanho com vidros e revistas de várias imagens = um registro em pergaminho de S. Francisco = um ossozinho [sic.] com dentes que parece ser de peixe ou de outro bicho = um pouco de incenso (...) um escapulário ou bentinho de estameno (?) e constavam a maior parte dos ditos papéis de várias orações escritas de mão [sic.], o que não eram escritas nem em latim nem em português e três delas com vários lhe digo várias cruces uma com uma imagem de Nosso Senhor crucificado outras e santos em português (...) = uma oração escrita com litra redonda = duas bulas de defuntos = uma oração escrita em litra de mão com sete almas pintadas no fim dela digo com cinco almas pintadas no fim dela no qual é as sete almas do purgatório pedindo-lhe lhe [sic.] façam tudo o que Caetano tiver no centro e lhe de fortuna (...) = uma oração de São Caetano = um livro encadernado com o título Triunfo Eucarístico = uma imagem do Senhor crucificado de latão em uma cruz de pau de meio palmo de cumprimento [sic.] = dois cavalos marinhos, um com um cobre de cinco réis atado com uma linha no pescoço e outro com dente de onça = uma pedra que parece ser de mármore (...) = duas meadas de gramadas cramezíres [sic.] engranzadas = um toco de vela... (AHP. Emenda por feitiçaria...fl.2-2v).

O farto material descrito lança luz para pensarmos no intenso hibridismo cultural que embalava suas práticas, cunhado a partir da utilização simultânea e das mesclas de diversos elementos do catolicismo – por si só possuidor de múltiplas vivências – com traços oriundos da África, ou “das Áfricas”, como sugere Eduardo Paiva, tendo em vista o contado cotidiano com grupos étnicos variados, tudo isso aclimatado a partir das características e demandas da nova morada: uma sociedade urbana, mineradora e escravista do século XVIII. (PAIVA, 2001:66; SLENES, 1991).

Essa significativa quantidade e qualidade de objetos rituais manipulados por Caetano da Costa ainda nos permite imaginar como seria intensa a circulação desse universo

material mágico-religioso, que deveria envolver uma intrincada rede de compras, vendas e trocas – físicas e simbólicas – entre os mais diversos habitantes das Minas.

No que versa sobre seus feitos, a fala das testemunhas destaca três que são lembrados de forma mais insistente: os malefícios que causavam mortes, as curas e os calundus.

Numa das noites em que os “batuques” de Caetano da Costa quebraram o silêncio de Vila Rica, o curioso crioulo Francisco da Costa se *puzera a vigiar pelo buraco da fechadura*, delatando posteriormente várias pessoas que conhecia. Ao saber do sucedido, o negro angola prontamente *disse que o dito crioulo não havia de ver nem contar mais nada e com efeito logo o dito crioulo entra a queixar [sic.] de dores de barriga que em pouco tempo veio a morrer*. (AHP. Emenda por feitiçaria...fl.4v). Em outro momento, Pai Caetano dá cabo de ninguém menos que sua própria mulher, que ao acusá-lo e repreendê-lo para acabar com seus *enganos diabólicos* e suas *danças de calundus*, recebeu como resposta que *não havia de durar muito*, morrendo pouco depois, *quase de repente*. (Ibidem. fl. 12v.).

As falas das testemunhas como *morreu sem ferimento algum* ou *quase de repente* acusam a crença no poder de produzir malefícios do negro Caetano. À primeira vista pode parecer paradoxal, uma vez que o mesmo também é descrito como curador, mas ao longo dos setecentos impera como valor a idéia de que essas pessoas que manipulavam o sobrenatural poderiam simultaneamente curar ou provocar doenças, ao sabor de seus interesses (RIBEIRO, 1997: 38-52). Tais ações eram vistas indiscriminadamente aos olhos das autoridades civis e religiosas como feitiçaria, mesmo as práticas de cura, dado que não estavam associadas aos meios oficiais.

A despeito da descrição dos assassinatos desferidos pelos seus malefícios, são as práticas de cura que mais diretamente habitavam a fala das testemunhas. As habilidades de Pai Caetano como curador mostravam-se algumas vezes em ações individuais, em que nosso personagem – como vários outros negros que circulavam nos arraiais do ouro – era chamado até a casa de pessoas enfermas e geralmente com vomitórios e purgas à base de ervas e outras substâncias consideradas terapêuticas tratava de seus clientes. Contudo, são indisputavelmente os calundus, cerimônias coletivas nas quais o negro angola também realizava suas curas, que mais chamam a atenção das testemunhas. Nada menos de dez em onze pessoas reconheceram o negro angola como calunduzeiro, realizando suas cerimônias em vários endereços, como as casas por ele alugadas, a casa de Felícia crioula e ainda em lugares mais ermos como a chácara no Taquaral e *paragens remotas para não serem persentidos [sic.] e poderem fazer melhor o seu saber* (AHP. Emenda por feitiçaria...6v). Porém, há aqui uma interessante

idiossincrasia: apesar do reconhecimento de Caetano como reputado calunduzeiro, poucas são as pessoas que sabiam efetivamente o que acontecia nessas cerimônias. Novamente o rumor público falava mais alto e as informações tornam-se bastante reticentes. Somente três indivíduos tinham realmente o que contar, sendo inclusive testemunhas oculares.

O pardo Manuel Ferreira tratou de queixar-se ao capitão Antônio Vieira de Carvalho sobre o que havia observado da janela de sua casa, acrescentando que fora tomado de *tal pavor que se lhe arrepiaram os cabelos*:

... de noite fora de horas se ajuntam na dita casa várias pessoas de homens e mulheres e que apagam as luzes e entram a tocar em uns catacos [sic.] fazendo um sussurro fúnebre e falando algumas vozes dizendo estas palavras = levantates [sic.] e respondiam = não posso que estou com as pernas mortas =(AHP. Emenda por feitiçaria...fl.5v).

Já João Moreira, crioulo forro, descreve de modo mais detalhado o propósito dos calundus encetados por Pai Caetano, e como se utilizava dos mesmos para ganhar a vida:

...o dito negro Caetano da Costa morando vizinho dele testemunha costumava trazer enganadas muitas pessoas de todas as qualidades que dizendo-lhes que curava e adivinhava e dava fortuna (...) e indo um pardo que ele testemunha não conhece o procurá-lo para lhe adivinhar aonde estava uma besta que lhe tinha desaparecido (Ibidem fl.10v)

Enfim, o curioso Miguel do Rosário chegou a entrar em uma das casas que o negro angola alugou por ocasião de uma *busca* para recuperar *uma quarta de ouro lavrado* que havia recebido de Ana por ocasião de uma cura que não foi realizada com sucesso. Tornando-se com isso o dono da descrição mais consistente acerca de seus calundus

E que sabe pelo ver que o mesmo usa de uns bonecos a que um chama de Dona Crentina [Crestina?] (...) quando faz as suas danças de calundus que entra a tocar uma biola [sic.] e ao som do dito toque que os ditos bonecos dançam e que além disso usa nos ditos calundus de imagens de Santo Antônio e de crucifixos e com velas acesas (Ibidem fl.8v).

Somadas essas três descrições mais pormenorizadas a outras falas de testemunhas que relataram mais por “ouvir dizer”, é possível fazermos uma análise acerca dos componentes dos calundus norteados por Pai Caetano. Primeiramente, nos chama atenção o fato do caso aqui estudado aproximar-se, em alguns aspectos, de outras denúncias existentes nas Minas. Sendo assim, os calundus eram definidos tipicamente – ou arquetipicamente – como rituais coletivos que envolviam cânticos e danças objetivando a realização de adivinhações e curas conseguidas geralmente graças ao transe. (MOTT, 1992:76).

Contudo, casos como os de Caetano da Costa nos permitem pensar que a despeito de aparecerem, à primeira vista, como rituais possuidores de certa “regularidade”, vista através da insistência com que são lembrados alguns de seus elementos, temos razões para

crer que os calundus continham significativas variações em suas práticas, apresentando-se, assim, como cerimônias muito mais complexas (SOUZA, 2002:314-317) e somando vários outros componentes rituais aos que geralmente eram denunciados por seus algozes, que muitas vezes tinham apenas uma visão parcial e fragmentada dos acontecimentos.

Não há como negar, por outro lado, a forte influência nos calundus presididos por Pai Caetano de uma série de valores oriundos da África Centro-ocidental, bastante ligados ao complexo cultural *ventura/desventura*, no qual ganha ênfase a necessidade de garantir o bem-estar e a saúde a partir de rituais marcados pela dança, música e o transe. Um outro aspecto que deve ser sublinhado é o personalismo que envolvia as ações desses indivíduos que detinham o poder de contato com o sobrenatural, afirmando-se como verdadeiros líderes carismáticos, característica inegável em nosso personagem (SLENES, 1991-1992:58; THORNTON, 2004:325).

Os *bonecos* presentes nos calundus do negro Caetano talvez possam igualmente nos permitir uma leitura a partir dos referenciais da “cultura banto”, se é que esta expressão é possível. O missionário capuchinho Antônio Cavazzi, que percorreu na segunda metade do século XVII várias regiões da África Centro-Occidental, era dono de uma capacidade de narração bastante minuciosa, podendo nos fornecer algumas pistas para entendermos a importância desses objetos mágicos nos rituais dessas regiões que, não raro, envolviam práticas de cura (MONTECUCCOLO, 1965:88). Embora não possamos perder de vista a diferença de tempo e a diáspora para o Novo Mundo que, como já dito, eram responsáveis por modificações e acréscimos consideráveis nessas práticas, uma vez realizadas em contextos diversos, como o caso aqui estudado nos permite vislumbrar (MINTZ e PRICE, 2003:78).

O hibridismo cultural que permeava as práticas de Pai Caetano continua pulsante em seus calundus. Desta forma, dividia espaço com os destacados bonecos que dançavam ao som dos tambores crucifixos com velas acesas e uma imagem de S. Antônio. Quem diria, o “santo de casa” lisboeta, tão solícito com a camada senhorial que constantemente requeria seus préstimos de hábil capitão-do-mato – um desdobramento lógico da capacidade do santo de encontrar “coisas perdidas” – e possuidor de um sem número de patentes militares e atribuições políticas (VAINFAS, 2003:32-33) era por vezes freqüentador de destaque em rituais que envolviam africanos no Brasil. A escolha de S. Antônio em meio a enorme corte celeste para a presença no calundu do negro angola Caetano da Costa não parece em nada fortuita. Uma explicação possível nos é dada por Mary Karash. Segundo a autora, a popularidade que o santo possuía, especialmente entre os negros bantos, estaria associada ao

complexo cultural *ventura/desventura*, tão caro ao pensamento religioso da África Centro-Occidental (KARASH, 2000:367).

De “pai” a “feiticeiro assassino”, passando por curador e *dador de fortuna*, esse caso nos permite vislumbrar com incomum clareza de detalhes os sentimentos variados que marcavam o convívio social de pessoas a quem era reconhecido algum tipo de poder sobrenatural, e como tal tornava-se um importante meio de afirmação perante a comunidade e ganho de vida. Pelo menos até o momento em que esses indivíduos esbarrassem com diversas ações coercitivas.

Referências bibliográficas:

- FERREIRA, Francisco Ignácio. **Diccionario Geographico das Minas do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- KARASH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MINTZ, Sidney e PRICE, Richard. **O nascimento da cultura afro-americana**. Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- MONTECUCCOLO, João A. Cavazzi de [1683]. **Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.
- MOTT, Luis. *O Calundu-angola de Luzia Pinta (Sabará – 1739)*. In: **Revista do IAC** V.2 N. 1 e 2, 1992. Pp. 73-82.
- NOGUEIRA, André. *Doença ou feitiço? O patológico e o sobrenatural nas Gerais do século XVIII*. In: **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. v. 33. Ano 18, 2005, Pp.51-59.
- PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e universo cultural na Colônia. Minas Gerais, 1716-1789**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- RIBEIRO, Márcia. **A ciência dos trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SLENES, Robert. *“Malungo, ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil*. In: **Revista da USP**. São Paulo: USP, 1991-1992. Pp. 48-67.
- SOUZA, **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____. *Revisitando o calundu*. In: GORENSTEIN, Lina e CARNEIRO, Maria L. Tucci. **Ensaio sobre a intolerância. Inquisição, marranismo e Anti-semitismo (homenagem a Anita Novinsky)**. São Paulo: Humanitas, 2002. Pp. 293-317.
- VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política In: **Revista USP**. Nº. 57, 2003. pp. 28-37.